

Artigo recebido em 15/02/2023 e aprovado em 17/04/2023.

Filmes para hoje: a programação dos cinemas Aracajuanos na II Guerra Mundial (1939-1945)

Resumo:

Compreendendo o cinema como um dos principais espaços para o entretenimento, sociabilidade e fonte de informação durante a II Guerra Mundial, este artigo analisa comparativamente a divulgação da programação das salas de projeção em Aracaju à época do conflito (Rio Branco, Rex, Guarany, São Francisco e Vitória) nos jornais *Correio de Aracaju*, *Sergipe Jornal* e *Folha da Manhã*, publicados em Sergipe. Antes da análise específica sobre a programação dos cinemas, contudo, entendemos ser relevante examinar informações gerais acerca desses impressos, como periodicidade, equipe editorial, diagramação e valores cobrados. Trabalhamos com a hipótese de que a divulgação promovida por tais periódicos influenciava diretamente na relação dos espectadores com as casas de exibição aracajuanas.

Palavras-chave:

II Guerra Mundial; Cinemas Aracajuanos; Imprensa Sergipe.

* Graduada em História pela UFS. Mestra e Doutora em História Comparada pela UFRJ. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). E-mail: liliane@getempo.org

** Doutor em História pela UFPE. Professor do curso de História e do Mestrado profissional em ensino de História da UFS, e do Programa de Pós-graduação em História Comparada da UFRJ. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). E-mail: dilton@getempo.org

Abstract:

Understanding cinema as one of the main spaces for entertainment, sociability and source of information during World War II, this article comparatively analyzes the dissemination of the programming of the screening rooms in Aracaju at the time of the conflict (Rio Branco, Rex, Guarany, São Francisco and Vitória) in the newspapers Correio de Aracaju, Sergipe Jornal and Folha da Manhã, published in Sergipe. Before the specific analysis on the programming of the cinemas, however, we believe it is relevant to examine general information about these prints, such as periodicity, editorial staff, layout and amounts charged. We worked with the hypothesis that the dissemination promoted by such periodicals directly influenced the relationship of the spectators with the Aracajuan exhibition houses.

Keywords:

World War II; cinemas of Aracaju; Sergipe press.

1. Introdução

Considerada o principal conflito do século XX, a II Guerra Mundial (1939-1945) envolveu dezenas de países, direta ou indiretamente, que precisaram mobilizar os mais variados setores da sua estrutura social a fim de obter êxito naquela que foi considerada a maior guerra história da humanidade. Dentre as ferramentas empregadas naquele contexto, nesse artigo ressaltamos o cinema. Em um momento de crises e dificuldades impostas ao cotidiano da população e diante do esforço que se fazia necessário para a vitória no conflito, ir ao cinema era sinônimo de divertimento, entretenimento e sociabilidade. Além disso, muitos espectadores aproveitavam a oportunidade para se informar sobre os principais desdobramentos do conflito; ao menos essa era a realidade de Aracaju, capital de Sergipe.

O menor estado brasileiro viu-se inserido de forma direta na II Guerra em agosto de 1942, quando o submarino alemão *U-507* torpedeou cinco embarcações brasileiras que navegavam no litoral entre Sergipe e Bahia. O Baependy, o Araraquara, o Aníbal Benévolo, o Itagiba e o Arará foram atacados entre os dias 15 e 17, vitimando centenas de pessoas e impactando radicalmente a rotina dos aracajuanos, que precisaram lidar de forma repentina com as consequências causadas pela agressão nazista.

As dificuldades que já vinham sendo enfrentadas desde o início das hostilidades foram acentuadas em decorrência do ataque, que também serviu de estopim para a entrada do Brasil no conflito, ao lado dos Aliados. Nesse sentido, compreendemos que as salas de exibição que funcionavam em Aracaju à época passaram a desempenhar um papel ainda mais relevante, especialmente se considerarmos que, pouco menos de um mês após os torpedeamentos, um estilo específico de filme passou a ser projetado na cidade: o antinazista.

Os filmes antinazistas passaram a ser lançados no mercado cinematográfico em abril de 1939, com a estreia de *Confissões de um espião nazista*. Até o início de 1942, porém, esse tipo de película era proibido no Brasil, devido à posição de neutralidade do Estado Novo. Tal cenário só foi alterado após o ataque japonês à base naval de Pearl Harbor, em dezembro de 1941, que levou o governo brasileiro a romper as relações diplomáticas e comerciais com os países do Eixo, culminando na autorização do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) para que as produções antinazistas fossem projetadas nos cinemas do país.

Em decorrência de questões logísticas, a exibição do primeiro filme antinazista em um cinema aracaçuano só se tornou realidade no dia 9 de setembro de 1942, quando *Confissões de um espião nazista* foi projetado na tela do Rio Branco. Agora, além das demais produções que já vinham sendo veiculadas, os espectadores de Aracaju passariam a ter contato com longas-metragens que traziam informações sobre os seus agressores. Segundo Andreza Maynard, essas produções inovavam por apresentarem os alemães que faziam parte do Partido Nacional-Socialista de forma pejorativa, a partir de um conjunto de características físicas, comportamentais e psicológicas, oferecendo nos cinemas uma leitura a respeito das particularidades desse universo político (2013, p. 130).

Mas para que o público tivesse um maior contato com esses filmes, entendemos que o papel exercido pela imprensa da imprensa era considerável. Nesse sentido, concordamos com Alexandre Busko Valim (2012, p. 287) quando ele chama a atenção para a necessidade em se analisar a forma como essas produções cinematográficas foram interpretadas em revistas populares, programas de rádio, anúncios, suplementos literários em jornais de grande circulação e outros produtos da vida

cultural, tendo em vista que esses veículos fornecem informações valiosas sobre atitudes e tendências difundidas.

Analisaremos a seguir, a partir do método comparativo, como a programação dos cinemas aracajuanos era realizada pelos jornais *Correio de Aracaju*, *Sergipe Jornal* e *Folha da Manhã* no período entre 1942 e 1945. Apresentamos inicialmente informações relativas à diagramação desses jornais, sua periodicidade, os valores cobrados aos leitores, integrantes da equipe editorial, distribuição dos conteúdos ao longo da edição e, em seguida, as estratégias empregadas para a divulgação da programação dos cinemas Rio Branco, Rex, Guarany, São e Vitória.

2. *Correio de Aracaju*

O *Correio de Aracaju* foi fundado em 1906. Ao longo dos anos, passaram pela direção do periódico nomes como João Menezes, Edson de Oliveira Ribeiro, Manuel Xavier de Oliveira, Heribaldo Vieira e Leandro Maciel (MAYNARD, A., 2013, p. 22). Entre 1942 e 1945, a direção do vespertino ficou a cargo de Luiz Garcia, advogado e promotor público. Além de Garcia, também a equipe editorial também era integrada por Zozimo Lima (redator-chefe). Apesar de utilizar o nome da capital em seu título – o que pode ser explicado tendo em vista que Aracaju abrigava a redação e as oficinas –, a circulação do *Correio de Aracaju* não estava limitada apenas a essa cidade. Prova disso está no subtítulo utilizado pelo periódico: “O diário mais antigo do Estado”. Como já dito, porém, era na capital sergipana onde estavam localizadas a redação e as oficinas do impresso, mais especificamente na Avenida Rio Branco, nº 34. Essas e outras informações já podiam ser visualizadas na capa das edições:

ao centro, o nome do diretor-gerente Luiz Garcia e o slogan utilizado pelo jornal. Essas informações mais básicas dividiam a capa da edição com outros tipos de notícias e anúncios, como evidencia o exposto acima. Um ano após os ataques sofridos na costa litorânea de Bahia e Sergipe, o *Correio* dedicava o principal espaço da sua publicação a notícias tanto de ordem internacional, sendo a principal delas a invasão dos aliados à Sicília, quanto de ordem nacional. Se em 17 de agosto de 1942 o Brasil estava sendo atacado pela Alemanha, em 17 de agosto de 1943 o país se preparava para enviar uma força expedicionária à luta travada na Europa.

Ainda na edição aqui usada como exemplo, além dos textos, é válido ressaltar o uso de fotografias pelo *Correio de Aracaju*; feita pela *British News Service*, a foto em questão referia-se ao novo canhão do Oitavo Exército britânico, que estava sendo utilizado na invasão à Sicília. Ou seja, a imagem estava vinculada à notícia que teve mais destaque naquele dia. De um modo geral a capa, dessa e de outras edições do periódico, era dedicada às notícias relacionadas ao conflito mundial. Entretanto, chama-nos atenção, nesse número em específico, um anúncio inserido na parte inferior do lado direito da página. Trata-se do endereço e do número de telefone do advogado Luiz Garcia; apesar de ter sido inserido de forma discreta, há de se levar em consideração que a divulgação foi feita na principal página da edição, não por acaso. Garcia era o diretor do *Correio de Aracaju*, o que certamente influenciou essa tomada de decisão.

Logo abaixo, um segundo anúncio foi feito, agora relacionado à venda de cimentos; estes eram os dois únicos informativos relacionados a produtos ou serviços. Havia, ainda na capa, uma pequena afirmação: “Anuncie sempre para maior resultado nos seus negócios”. Dessa forma, o periódico creditava parte do sucesso alcançado nos diferentes tipos de negócios aos anúncios que ele fazia em suas páginas. Além da receita adquirida a partir das divulgações de produtos e serviços, o *Correio de Aracaju*

também lucrava com a venda das suas publicações; os valores cobrados localizavam-se, geralmente, na segunda ou terceira página das edições. Não sabemos quais os preços pagos pelos leitores do *Correio de Aracaju* em 1942, devido à indisponibilidade de acesso às publicações daquele ano. Sabemos, todavia, que houve um aumento desses preços entre os anos de 1942 e 1943; isso foi anunciado pelo próprio jornal:

O preço do jornal

“Correio de Aracajú” vê-se forçado a aumentar o seu custo. Papel está por preço quatro vezes superior ao que se comprava antes (um aumento de mais de 400%), continuando ainda a subir. E não é somente papel: tinta de impressão, material tipográfico, metal para composição de linotipo etc. Até a mão de obra está mais cara, porque, dentro da campanha humana e justa que vimos fazendo pelo reajustamento dos salários, concedemos abonos aos nossos operários desde junho passado (CORREIO DE ARACAJU, 02 jan. 1943, p. 4).

Até aqui, observamos que as dificuldades cotidianas impostas pela guerra eram os principais motivos para que o jornal elevasse seus preços. Além do papel, matéria-prima básica para a imprensa, outros gêneros sofreram aumentos. Podemos mencionar o pão, que foi influenciado pela subida no preço da farinha de trigo, o que afetava diretamente a vida da população, em especial os trabalhadores assalariados (MAYNARD, A., 2016). Mas o texto do *Correio de Aracaju* não parou por aí; além das ponderações que já havia feito, o periódico segue dando uma satisfação aos seus leitores: “Tudo isso representa uma grande soma de dificuldades para a imprensa, principalmente em nosso meio, onde o espírito de publicidade é pequenissimo. A imprensa só tem dois caminhos: aumentar os seus preços ou fechar” (CORREIO DE ARACAJU, 02 jan. 1943, p. 4).

A passagem acima nos oferece algumas pistas sobre o financiamento desse impresso. Pelo que foi dito, a principal fonte de arrecadação do jornal eram as vendas de suas publicações, de maneira que, se os preços das assinaturas e números avulsos não aumentassem, o periódico seria obrigado a fechar. Sem desconsiderar a importância da receita gerada pelas vendas das publicações, questionamos até que ponto essa afirmação retratava a realidade econômica daquele periódico; consideramos que o apelo era, também, uma forma de convencer os seus leitores sobre a necessidade de alta nos preços: “Em virtude dos motivos reconhecidamente verdadeiros que nos forçam a esse acréscimo, esperamos que continue a mesma e confortadora aceitação que vimos, felizmente, gozando dos nossos prezados assinantes” (CORREIO DE ARACAJU, 02 jan. 1943, p. 4).

Após as explicações, o *Correio de Aracaju* anunciava os novos valores, que mantiveram-se até 1945: Cr\$ 70,00 (assinatura anual); Cr\$ 35,00 (assinatura semestral); Cr\$ 20,00 (assinatura trimestral); Cr\$ 7,00 (assinatura mensal); Cr\$ 0,30 (número avulso); Cr\$ 0,50 (número atrasado). A título de comparação, em São Paulo, o jornal *Correio Paulistano*, fundado em 1854, cobrava os seguintes valores em 1943: Cr\$ 0,40 (número do dia); Cr\$ 0,50 (domingos); Cr\$ 0,80 (atrasados); Cr\$ 80,00 (assinatura anual); Cr\$ 45,00 (assinatura semestral). A partir de julho de 1944, a política de preços do periódico sofreu alterações tanto nos valores cobrados, quanto nas opções das assinaturas: Cr\$ 0,50 (número do dia); Cr\$ 0,60 (domingos); Cr\$ 0,80 (atrasados); Cr\$ 120,00 (assinatura anual no interior); Cr\$ 70,00 (assinatura semestral no interior); Cr\$ 40,00 (assinatura trimestral no interior); Cr\$ 150,00 (assinatura anual da capital); Cr\$ 85,00 (assinatura semestral na capital); Cr\$ 50,00 (assinatura trimestral na capital). Em dezembro de 1944, um novo aumento foi efetuado, dessa vez apenas com relação aos números atrasados, que passaram a custar Cr\$ 1,00. Já na metade de junho de 1945,

o número do dia passou de Cr\$ 0,50 para Cr\$ 0,60, e o número do domingo de Cr\$ 0,60 para Cr\$ 0,70.

Em relação à periodicidade, o *Correio de Aracaju* era publicado de segunda-feira a sábado. Com edições compostas por um número de páginas que variava entre 4, 6 e 8, o periódico anunciava, além das principais notícias sobre a guerra, diferentes tipos de produtos e serviços; informações de utilidade pública, como os horários dos trens; notícias esportivas; questões sobre a vida social. Além disso, o jornal divulgava, diariamente, a programação de alguns dos principais espaços de lazer e diversão da capital sergipana: os cinemas. A programação das salas de exibição estava localizada, na maior parte dos casos, na página 3 ou 4; considerando que a maioria das edições possuía quatro páginas, as questões relacionadas aos cinemas ocupavam o meio ou o fim da publicação, e dividiam espaço com outros assuntos, como podemos observar abaixo:

foi a primeira na ordem e a que mais ocupou espaço. É importante ressaltar que esse espaço dedicado à divulgação da programação de cada cinema variava, a depender da quantidade de informações contidas. Em muitos casos, os anúncios eram feitos de forma bastante sucinta, trazendo apenas o nome do cinema, o título da película e os nomes dos protagonistas; ou o nome do cinema e da película, por exemplo. Apesar do recurso textual ter sido utilizado de forma majoritária pelo *Correio de Aracaju* no que diz respeito à divulgação dos filmes, ele não foi o único. Na edição do dia 03 de novembro de 1943, a programação do Rio Branco foi anunciada no periódico através do seguinte cartaz:

Imagem 3. Cartaz de divulgação da programação do Rio Branco no *Correio de Aracaju*



Fonte: *Correio de Aracaju*, 03 nov 1943, p. 3.

Para além da programação dos cinemas, o *Correio de Aracaju* também oferecia aos seus leitores, com uma frequência consideravelmente inferior, notícias relacionadas à indústria cinematográfica hollywoodiana. Ainda em 1943, no dia 17 de fevereiro, o periódico incorporou à edição uma coluna intitulada “Notícias de Hollywood”, composta por pequenas notas, enviadas pela agência *United Press*, sobre a atriz Joan Benett (1910-1990) e o produtor Orson Welles (1915-1985). Havia, ainda, uma terceira nota, sobre Celia Vilka, filha de Pancho Villa (1878-1923), reconhecido por sua atuação na Revolução Mexicana de 1910.

Além do *Correio de Aracaju*, outro jornal que circulou na capital sergipana no período da II Guerra foi o *Sergipe Jornal*. Assim como o primeiro, também oferecia à população aracajuana informações sobre cinema. Antes de passarmos a essa temática, porém, observemos questões mais gerais relativas ao periódico.

3. *Sergipe Jornal*

Fundado em 1919, o *Sergipe Jornal* possuía sua redação e oficinas localizadas à rua São Cristóvão, nº 181, no centro de Aracaju. O periódico se intitulava como um “Órgão Independente e Noticioso”. Conforme destacado por Cruz e Peixoto (2007, p. 261), os subtítulos dos jornais, na maioria das vezes trazem indicações valiosas sobre quem fala e para quem almeja falar determinada publicação.

De fato, segundo Andreza Maynard (2013, p. 134) o *Sergipe Jornal*, bem como o *Correio da Manhã*, seguiam uma linha mais independente. Ainda de acordo com a autora, durante a II Guerra o periódico vivenciou duas fases: até 1942 manteve um perfil leal aos princípios do Estado Novo; após Mário Cabral (1914-2009) e Paulo Costa (1921-1961) assumirem a direção do periódico, porém, os dois advogados chegaram a desafiar DIP e o DEIP/SE

(Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda de Sergipe). Esse episódio acaba demonstrando uma certa concordância com parte do slogan adotado pelo jornal. Contudo, é importante não perdemos de vista a atuação da censura; por mais independente que tentasse ser, o *Sergipe Jornal*, bem como outros periódicos do país, estava sob o crivo do DIP. Além de independente, o jornal dirigido por Mário Cabral e Paulo Costa também colocava-se como um órgão “noticioso”. Vejamos que tipo e como as notícias eram publicadas pelo *Sergipe Jornal*, especialmente as que estavam alocadas na capa:

Imagem 4. Capa do *Sergipe Jornal* em 24 de julho de 1944



Fonte: *Sergipe Jornal*, 24 jul. 1944, p. 1

Assim como o *Correio de Aracaju*, as capas das edições do *Sergipe Jornal* eram compostas por informações mais técnicas sobre o periódico – título e subtítulo; nomes dos diretores; ano e número ao qual a edição equivalia; cidade, dia e data da publicação –, e pelas principais notícias, a nível nacional e internacional, sobre o conflito que se desenrolava desde setembro de 1939 e que, no momento daquela edição, já caminhava para a sua reta final, marcada pela derrota das potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). No canto inferior direito, ainda é possível encontrar o anúncio sobre o número que a revista *Seleções do Reader's Digest* havia acabado de publicar.

Nas páginas seguintes, era possível que os leitores encontrassem outros tipos de anúncios de produtos ou serviços publicados pelo *Sergipe Jornal*. Nessa edição em especial, além dos conteúdos geralmente divulgados, também foi publicado um texto em comemoração aos 25 anos que o periódico estava completando. E esse texto, do qual retiramos alguns trechos, nos fornece pistas sobre como o *Sergipe Jornal* se colocava em meio à imprensa aracajuana:

SERGIPE JORNAL completa hoje o seu vigésimo quinto aniversário. Trata-se, como se vê, de um quarto de século, de vinte e cinco anos de lutas de arduos combates em favor da coletividade. Sempre esteve, este órgão, desde o seu primeiro número, ao lado da justiça, da liberdade, da confraternização humana, repudiando, por isso mesmo, toda e qualquer manifestação de prepotência, de força bruta e de abuso de poder. [...] Mas, através desse quarto de século, manteve, sempre, o SERGIPE-JORNAL, hoje como ontem, amanhã como hoje, a sua retilínea atitude de nobreza moral, a sua inflexível norma de caráter político, a sua definitiva orientação em favor dos grandes ideais de democracia e liberdade. [...] Não somos lutadores de última hora, não somos adesistas da vitória alheia. A vitória da democracia também nos pertence. Por ela sempre nos batemos (SERGIPE JORNAL, 24 jul. 1944, p. 4).

Vale pontuar como a direção do *Sergipe Jornal* fez questão de colocá-lo como um jornal que defendia e prezava pela justiça, pela coletividade, pela liberdade, pela confraternização humana e pelos valores democráticos; em combate à prepotência, ao uso da violência, ao abuso de poder. E isso não apenas naquele momento, mas ao longo dos seus 25 anos de existência. Fez questão, igualmente, de ressaltar que aquele não era um jornal de “lutadores de última hora” e que a vitória da democracia também lhe pertencia. Retomando a afirmação de Maynard (2013, p. 22), isto é, de que num primeiro momento da guerra o *Sergipe Jornal* manteve um perfil leal aos princípios do Estado Novo, mudando sua postura com relação ao governo apenas após Mário Cabral e Paulo Costa assumirem a direção do periódico, nos indagamos até que ponto o texto refletia a real atuação do impresso.

O Estado Novo não era um regime de governo que respeitava a democracia e muito menos a liberdade, característica que, na leitura dos opositores, colocava o regime em contradição quando passou a lutar ao lado dos Aliados na II Guerra. Ora, como é possível um jornal que, na primeira fase do conflito, manteve um perfil de lealdade a um regime ditatorial, pouco tempo depois tecer afirmações que o colocam, durante toda a sua história, como combatente a esse tipo de atuação política?

Aqui, vale destacarmos o contexto em que o texto foi publicado, ou seja, no segundo semestre de 1944. Como afirmamos anteriormente, aquele era um momento em que a guerra começava a caminhar para a sua parte final e as tropas aliadas já possuíam maior vantagem nas batalhas com relação às do Eixo, que saíram derrotadas do conflito. O próprio texto já insinuava que os Aliados, que colocaram-se no conflito como defensores da democracia, saíam vitoriosos. Sendo assim, houve, por parte dos então dirigentes do *Sergipe Jornal*, uma tentativa de reafirmar que aquele era, e sempre foi, um jornal em

favor da democracia e da liberdade, valores que, ideologicamente, venceram a II Guerra. Não se trata de desconsiderar que o periódico defendeu essas causas, mas sim de questionar até que ponto essa postura foi uma total realidade, especialmente no período do conflito mundial.

A edição do dia 24 de julho de 1944 contou com um total de 18 páginas; provavelmente isso ocorreu por se tratar de uma edição comemorativa. Consideramos isso pois a maior parte dos números publicados pelo *Sergipe Jornal* entre 1942 e 1945 que chegaram aos arquivos, contam com uma média de páginas que varia entre 4 e 6. Essa realidade faz ainda mais sentido quando comparamos com o *Correio de Aracaju*, que também mantinha publicações com esse tamanho. A periodicidade dos dois impressos também se assemelha, visto que o *Sergipe Jornal* era igualmente publicado de segunda-feira a sábado. E as semelhanças não param por aí; os valores cobrados aos leitores do *Sergipe Jornal*, tanto das assinaturas quanto dos números avulsos, também eram semelhantes àqueles cobrados pelo *Correio de Aracaju*: Cr\$ 70,00 (assinatura anual); Cr\$ 35,00 (assinatura semestral); Cr\$ 20,00 (assinatura trimestral); Cr\$ 7,00 (assinatura mensal); Cr\$ 0,30 (número avulso); Cr\$ 0,50 (número atrasado). Essas informações podiam ser encontradas nas próprias edições, geralmente entre as páginas 2 e 4; junto a elas, o público leitor consultava ainda a afirmação “Diario vespertino de grande circulação”; novamente, os nomes dos diretores; o endereço da redação e das oficinas; o endereço telegráfico; os números do telefone e da caixa postal; além do aviso; “**IMPORTANTE**: Só publicaremos as colaborações que forem solicitadas”.

Dentre as colaborações solicitadas e, em alguns casos, certamente pagas para serem publicadas no *Sergipe Jornal*, estavam as programações dos cinemas. Dessa forma, os proprietários das salas de exibição da cidade divulgavam nesse jornal, diariamente, os filmes que estavam sendo projetados em seus estabelecimentos. Os anúncios da programação

cinematográfica da cidade eram inseridos entre as páginas 3 e 5 de cada edição, e eram feitos principalmente através do recurso textual, numa coluna intitulada “Diversões - Cinemas” ou apenas “Cinemas”.

Assim como no *Correio de Aracaju*, os anúncios da programação dos cinemas no *Sergipe Jornal* variavam no que se refere às informações contidas, o que conseqüentemente influenciava no espaço ocupado por essa coluna na página em que era publicada. Em alguns casos, informava-se apenas o nome do cinema, o filme que estava em cartaz e os nomes dos protagonistas; ou apenas os nomes do local da exibição e do produto que seria exibido. Em outros casos, porém, o anúncio dessa programação ocorria por meio de textos ou breves comentários que traziam informações mais detalhadas sobre a película e mesmo sobre o espaço do exibição. Algumas vezes, era possível encontrar informações sobre a estrutura física dos cinemas, em meio à divulgação da programação daquele local. Na edição do dia 31 de outubro de 1942, o *Sergipe Jornal* anunciou que o filme antinazista *Tempestades d’Alma* continuava com grande sucesso em exibição na nítida tela do Rex. Nas décadas de 1930 e 1940 era comum que os periódicos, ao divulgarem a programação dos cinemas aracajuanos, registrassem as condições de funcionamento das salas de exibição (MAYNARD, A., 2013, p. 79). Já no dia 18 de julho de 1944, por exemplo, o impresso publicou um texto que falava sobre o comportamento do público nas filas que se formavam para entrar nos cinemas.

Desse modo, o *Sergipe Jornal*, bem como o *Correio de Aracaju*, colocava-se como uma importante fonte de notícias sobre o cotidiano dos cinemas em Aracaju. Mas além desses dois, um terceiro periódico que figurava na imprensa aracajuana do período adquiria relevância quando se tratava de cinema.

4. Folha da manhã

Fundado por Adrolado Campos no ano anterior ao início da II Guerra, em janeiro de 1938, o jornal *Folha da Manhã* foi vendido pouco tempo depois, em 1941, a Manuel Vicente de Brito; a direção do periódico ficou sob responsabilidade do padre José Soares de Brito (MAYNARD, 2013, p. 22). O *Folha da Manhã* publicava edições de segunda-feira a sábado, que continham entre 4 e 6 páginas; assim como os outros dois jornais aqui trabalhados, no período entre 1942 e 1945, o conflito mundial era o tema de maior relevância nas publicações do periódico, como podemos observar abaixo:

Imagem 5. Capa da *Folha da Manhã* em 24 de agosto de 1942

A ARGENTINA NÃO PODE SE MANTER indiferente a sorte do Brasil

FOLHA DA MANHÃ
1a. Edição

JOSE SOARES DE BRITO
MAYNARD, 2013, p. 22)

Edição de hoje: 10.000 exemplares

Redação: Rua da Liberdade, 100 - Rio de Janeiro

Telefone: 1111

Assinaturas: Rua da Liberdade, 100 - Rio de Janeiro

Preço: 1000

(Serviço Exclusivo do "Restez" para a "Folha da Manhã")

O Brasil se comportou com paciência em face da extraordinária provocação

A VIBRAÇÃO CIVICA DE SERGIPE

Governo e povo unidos pela causa da liberdade, em torno do Chefe da Nação

Excesso de colônias - Vol e alimentações em Bucarest

Clamorado russo

Tratado entre a Hungria e a Itália

Chefe de Estado Maior norte-americano inspecciona as ruínas das britânicas

A polêmica de Iannace

Antiquidade e invenção de: Visto mercadorias italianas

Primeiros passos de: Bistrão de Volga

Fonte: *Folha da Manhã*, 24 ago. 1942, p. 1

Na semana seguinte aos torpedeamentos do *U-507* aos navios brasileiros na costa entre Sergipe e Bahia, as três principais manchetes da edição do *Folha da Manhã*, no dia 24 de agosto, possuíam relação direta com o referido acontecimento: a principal delas repercutia um artigo publicado pelo jornal argentino “El mundo”, acerca de como aquele país deveria se comportar frente ao que aconteceu com o Brasil; em seguida, o *Folha da Manhã* destaca de que forma o jornal britânico *O Times*, também por meio de um artigo publicado, encarou o comportamento do governo brasileiro frente a agressão sofrida. Por essas duas manchetes, percebemos como o que aconteceu no litoral sergipano e baiano teve um impacto forte para o Brasil no cenário mundial; a imprensa de diferentes países atentou para os efeitos provocados após os torpedeamentos. E a imprensa aracajuana, nesse caso específico o *Folha da Manhã*, fazia questão de transformar em notícia toda essa repercussão.

O jornal também estava atento às consequências locais ao ressaltar a “tradição de bravura” dos sergipanos e a união desse povo, em prol da liberdade, com o “Chefe da Nação”, representado no estado pelo interventor Augusto Maynard, a quem a edição do *Folha da Manhã* deu grande ênfase, não apenas pela publicação de sua imagem, como também pela notícia acerca do discurso que o interventor proferiu da sacada do Palácio do Governo. Nas edições de 02/10/1942 e 25/03/1943 o impresso publicou dois textos elogiosos ao presidente Getúlio Vargas, intitulados “A serenidade do nosso presidente” e “A liberalidade do nosso presidente”, respectivamente. Isso demonstra que o jornal mantinha um alinhamento com o Estado Novo, diferente da postura adotada pelo *Correio de Aracaju*.

Mas nem só com bravura e com união comportaram-se alguns sergipanos diante das trágicas consequências dos torpedeamentos. Um exemplo disso foi o caso de Nelson de

Rubina, acusado de furtar anéis de uma das vítimas que chegou às praias do Estado. Para além dessas notícias, o restante da capa da edição do jornal segue dedicada a outros informativos sobre os desdobramentos do conflito mundial. Também na capa eram inseridas as principais informações sobre o *Folha da Manhã*, que se intitulava como o “Arauto do progresso de Sergipe”; ainda no cabeçalho constam o nome do diretor José Soares Brito; a informação de que o impresso estava em sua segunda fase; a cidade, o dia e a data de publicação da edição; além do número ao qual ela representava.

A partir do ano de 1943, entre os meses de janeiro e fevereiro, ocorreram mudanças com relação à diagramação da capa do *Folha da Manhã*. Houve a inserção de informações relativas ao endereço da redação e da administração – que passou da Rua de Laranjeiras, nº 362, para a Rua de São Cristóvão, nº 164 –, ao endereço telegráfico, além do número de telefone; a informação “segunda fase” foi substituída pelo número do ano de existência do jornal; o preço do número avulso e nome da empresa à qual o periódico pertencia também passaram a ser inseridos no cabeçalho. E as mudanças não pararam por aí; entre 1942 e 1944, o *Folha da Manhã* modificou os valores das assinaturas e dos números avulsos duas vezes:

Quadro 1: Valores cobrados pelo *Folha da Manhã* entre 1942 e 1944

Valores cobrados em 1942	Valores cobrados em 1943	Valores cobrados em 1944
*40\$000 (assinatura anual); *22\$000 (assinatura semestral); *4\$000 (assinatura mensal);	*Cr\$50,00 (assinatura anual); Cr\$30,00 (assinatura semestral);	*Cr\$25,00 (assinatura anual); *Cr\$15,00 (assinatura semestral);

*\$300 (número avulso); *500 (número atrasado).	*Cr\$5,00 (assinatura mensal); *Cr\$0,30 (avulso); *Cr\$0,50 (número atrasado).	*Cr\$2,50 (assinatura mensal); *Cr\$0,50 (número avulso); *Cr\$0,50 (número atrasado).
--	---	--

Fonte: quadro elaborado pelos autores com base nas informações fornecidas pelo jornal, a fim de comparar as mudanças nos valores cobrados pelas assinaturas e números avulsos entre 1942 e 1944.

Mesmo com a oscilação ocorrida entre 1942 e 1943, e depois entre 1943 e 1944, os preços do *Folha da Manhã* sempre mantiveram-se, no que diz respeito às assinaturas, abaixo dos que eram cobrados pelo *Correio de Aracaju* e pelo *Sergipe Jornal*, que a partir de 1943 passaram a ser, em ambos: Cr\$ 70,00 (assinatura anual); Cr\$ 35,00 (assinatura semestral); Cr\$ 20,00 (assinatura trimestral); Cr\$ 7,00 (assinatura mensal), mantendo-se até 1945. Aqui, há de se pontuar uma outra diferença: no *Folha da Manhã* não existia a opção de uma assinatura trimestral. Já no que diz respeito aos números avulsos, há uma semelhança, de maneira que nos três jornais os valores variavam entre Cr\$ 0,30 (número avulso); Cr\$ 0,50 (número atrasado) em 1943 e 1944. Porém, em 1944, ao passo que diminuiu os preços das assinaturas, o *Folha da Manhã* aumentou o valor do número avulso, igualando ao que era cobrado pelos números atrasados, uma prática isolada se comparamos com os demais jornais.

Certamente esse movimento realizado pelo *Folha da Manhã* em 1944 está atrelado a uma mudança na sua periodicidade. Conforme divulgado pelo *Correio de Aracaju* em março de 1944, o *Folha da Manhã* passava de um jornal que circulava diariamente para um jornal semanário, circulando apenas aos domingos:

“Folha”, que obedece à direção de José Soares de Brito, justifica a alteração de sua periodicidade com a crise atual, que não oferece nenhuma margem de lucro razoável a um jornal diário, deixando, pelo contrário, deficits mensais. Passando a semanário, promete a nossa confeitira aparecer sempre com maior número de páginas, melhorando as seções atuais e criando outras, além de ampliar o serviço de colaborações literárias (CORREIO DE ARACAJU, 06 mar. 1944, p. 4).

Vale ressaltar que havia pouco tempo desde a fundação do *Folha da Manhã*; diferente do *Correio de Aracaju* e do *Sergipe Jornal*, que circulavam desde 1906 e 1919, respectivamente, o matutino só possuía seis anos de existência. A mudança na periodicidade não apenas alterou os valores cobrados, mas também o número de páginas, como já indicado no texto do *Correio de Aracaju*. Assim, as edições que antes tinham 4 páginas passaram a contar com 6 páginas em 1944. Nelas, além das principais notícias sobre a II Guerra, o *Folha da Manhã* trazia anúncios de produtos e serviços; mantinha a coluna “Síntese Literária”, assinada por Luiz Pereira de Melo, que segundo Dilton Maynard (2014) chegou a dirigir o DEIP/SE; oferecia notícias a nível nacional e local; incorporava informações sobre esporte e comunicados sobre a vida social no estado. Em meio a esses informativos de ordem social estavam presentes, de forma rotineira, os assuntos sobre os cinemas, que eram inseridos entre o meio e a parte final das edições.

Igualmente ao que ocorria com o *Correio de Aracaju* e com o *Sergipe Jornal*, o principal método aplicado pelo *Folha da Manhã* para divulgar a programação dos cinemas era o textual. Em determinados casos, por meio de breves notas contendo informações básicas como o nome do cinema e do filme, ou do cinema, do filme e dos protagonistas; em outros, havia resumos contendo dados mais detalhados sobre as películas, bem como sobre os locais de exibição, tanto em termos estruturais quanto em termos de funcionamento. Em 04 de janeiro de 1944, por exemplo, o jornal divulgou a reabertura do cinema São Francisco.

Apesar de representarem exceções, constatamos a publicação de cartazes pelo *Folha da Manhã* a fim de realizar a divulgação de filmes exibidos em determinados cinemas. Na edição de 09 de dezembro de 1942, o jornal publicou um cartaz do filme *O Grande Ditador*, que estrearia no mesmo dia no cinema Guarany.

Uma outra prática desenvolvida pelo *Folha da Manhã* no que diz respeito à temática do cinema era a publicação de textos relacionados à indústria cinematográfica. Por exemplo: na edição de 28 de janeiro de 1942, na coluna “Seção feminina”, o jornal trouxe um texto sobre a repercussão da morte da atriz norte-americana Carole Lombard (1908-1942); em 20 de março de 1942, foi divulgado um texto assinado por J.M. Fontes sobre os lucros da indústria cinematográfica hollywoodiana mesmo num cenário de guerra; já em 03 de março de 1943, o periódico publicou informações enviadas pela *Press-Information Service* inseridas em uma coluna intitulada “Atualidades cinematográficas”; no mesmo ano, em 07 de julho, novamente foram divulgadas informações enviadas pela *Press-Information Service* acerca de filmes que seriam exibidos em breve no Brasil.

Além disso, o clérigo José Soares de Brito, mais conhecido como Padre Brito, também assinava de forma rotineira artigos sobre variados assuntos, dentre eles o cinema. No dia 21 de setembro de 1942, por exemplo, o Padre Brito publicou o texto “O Cinema e o Teatro”, no qual fazia uma reflexão sobre o poder educativo desses dois meios de comunicação e do cuidado que se deveria ter, a fim de evitar consequências negativas em torno da moral e dos bons costumes. O fato do dirigente do jornal escrever e publicar esse texto, com esse tipo de conteúdo, nos ajuda a analisar o perfil do *Folha da Manhã*. Tratava-se de um periódico administrado por um religioso, o que certamente influenciava no tipo de conteúdo editado. De acordo com Andreza Maynard (2013, p. 134), apesar de não ser oficialmente um órgão da Igreja

Católica, o *Folha da Manhã* deixava transparecer grande preocupação com os interesses dessa religião. O Padre Brito também publicava artigos inspirados em filmes, a exemplo da película *O Homem que quis matar Hitler*, exibida no Cine Vitória, e que motivou Brito a publicar em 23 de novembro de 1943 o texto nomeado “Eu ontem vi Hitler”.

5. Conclusão

De uma forma geral, o *Correio de Aracaju*, o *Sergipe Jornal* e o *Folha da Manhã* adotavam a mesma estratégia de divulgação quando o assunto era cinema: o recurso textual. O uso de cartazes para informar os filmes que seriam exibidos ou que estavam em exibição em algum cinema aracajuano foram exceções, mas existiram. Nesse ponto, entendemos que essa realidade está diretamente relacionada às negociações estabelecidas entre os proprietários das salas de projeção e os jornais. Certamente o recurso visual representado pelo cartaz possuía um custo maior se comparado ao recurso textual, o que devia influenciar na decisão dos donos dos cinemas. Apesar de adotarem o mesmo método, os escritos publicados pelos jornais sobre a programação dos cinemas não eram exatamente iguais:

Cada cinema deveria enviar no período da manhã (preferencialmente até às 10h) um resumo dos filmes que pretendia exibir. No entanto, ao comparar os textos publicados pelos jornais foi possível perceber que os anúncios não eram idênticos. Cada jornal acrescentava ou suprimia informações ao material de divulgação originalmente enviado pelos cinemas. Por mais que os jornais impressos se identificassem como órgãos imparciais a serviço da população, eles funcionavam dentro da estrutura controladora do Estado Novo, ao mesmo tempo em que atendiam aos interesses defendidos por cada grupo que dirigia os periódicos. Em última instância essas publicações visavam ter ressonância junto ao público leitor (MAYNARD, A., 2013, p. 111).

É importante termos em mente que, por mais que os proprietários dos cinemas pagassem pelo anúncio que eles enviavam, os jornais não abriam mão de inserir suas próprias opiniões sobre as películas. Logo, a divulgação dos filmes pelos jornais aracajuanos era influenciada, ao mesmo tempo, pelos donos dos cinemas – que precisavam atrair os espectadores aos seus estabelecimentos –, e pelos dirigentes dos jornais – que igualmente motivados pelos interesses comerciais, precisavam atingir um público leitor, mas também estabeleciam seus interesses pessoais, além de estarem atentos ao que era solicitado pelo DIP.

Mas não só de divulgação das programações dos espaços de exibição viviam os periódicos aracajuanos, no que se refere a cinema. Os impressos também buscavam compor suas edições com notícias mais diversas relacionadas à sétima arte, a exemplo de notas com informações sobre o meio cinematográfico e com artigos sobre determinadas películas. Por fim, no que se refere à estrutura de uma maneira mais ampla, é perceptível que o *Correio de Aracaju* e o *Sergipe Jornal* detinham melhores condições de funcionamento se comparados ao *Folha da Manhã*. Tanto em termos de valores cobrados pelas assinaturas e números avulsos, quanto no que se refere à quantidade de páginas, periodicidade e aperfeiçoamento da diagramação, os dois primeiros impressos manifestavam uma maior maturidade em relação ao periódico dirigido pelo Padre Brito, o que é compreensível quando levamos em consideração o tempo de atuação de cada um na imprensa. De todo modo, os três jornais, atuando conforme as suas particularidades, desempenharam uma importante atuação em Aracaju no período da II Guerra Mundial.

6. Referências Bibliográficas

- ALBINO, Daniel. Cobra fumando: a Força Expedicionária Brasileira na Campanha da Itália (1944-1945). In.: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; LAPSKY, Igor; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge. (Orgs.). *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010, p.321-341.
- BARROS, José D'Assunção. *História Comparada*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BARROS, Maria Luiza Pérola Dantas. O senhor dos anéis: o caso Nelson de Rubina e os desdobramentos da Segunda Guerra em Sergipe. In.: MAYNARD, Andreza S. C.; BARBOSA, Caroline de Alencar.; MAYNARD, Dilton C. S. (Orgs.). *Segunda Guerra: Histórias de Sergipe*. Recife: EDUPE, 2016, p. 34-61.
- BERNADET, Jean-Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez 2007.
- DANTAS, Ibarê. *História de Sergipe República (1889 - 2000)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.
- GILBERT, Martin. *A Segunda Guerra Mundial: os 2.174 dias que mudaram o mundo*. Tradução de Ana Luísa Faria e Miguel Serras Pereira. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.
- HOBSBAWM, Eric. A era da guerra total. In.: *A Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 29-60.

- LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 111-153.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *Imprensa e Cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.
- MAYNARD, Andreza Santos Cruz. *De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)*. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2013.
- MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: antinazismo e cinema durante a Segunda Guerra Mundial**. Recife: EDUPE, 2021.
-
- _____. O Filme *Confissões de um espião nazista* e o Antinazismo nas Telas Aracajuanas. MAYNARD, Dilton C. S.; MAYNARD, Andreza S. C. (Orgs.). *Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe*. São Cristóvão: Editora UFS, 2013, p. 115-140.
-
- _____. A Guerra do “pão de ouro”: a variação dos preços de alimentos em Aracaju (1939-1945). In.: MAYNARD, Andreza S. C.; BARBOSA, Caroline Alencar; MAYNARD, Dilton C. S. (Orgs.). *Segunda Guerra: Histórias de Sergipe*. Recife: EDUPE, 2016, 120-140.
- MAYNARD, Dilton Cândido Santos. *Ao pé do ouvido: Sergipe, Estado Novo e a Criação da Rádio Aperipê*. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.
-
- _____. Noites de terror em mar e terra: o cotidiano em Aracaju (1942-1945). In.: PEDREIRA,

- Flávia de Sá. (Org.). *Nordeste do Brasil na II Guerra Mundial*. São Paulo: LCTE Editora, 2019, p. 187-204.
- MELLO, Lérida Gherardini Malagueta Marcondes de. *Revista Seleções do Reader's Digest (1943): a representação da mulher, um discurso em construção*. Anais completos do 9º Interprogramas de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2013.
- VALIM, Alexandre Busko. História e Cinema. In: Ciro Flamarion Cardoso; Ronaldo Vainfas. (Org.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 283-300.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. *Revista de Sociologia e Política*. Paraná, n. 9, p. 57-74, 1997.

7. Fontes

- CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, 1942-1945.
- FOLHA DA MANHÃ. Aracaju, 1942-1945.
- SERGIPE JORNAL. Aracaju, 1942-1945.